

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 170 | Volume 20 | 2023

**A “Opção Francisco”  
e o caminho da sinodalidade**

Phyllis Zagano

# Cadernos *Teologia Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 170 | Volume 20 | 2023

## A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade

**Phyllis Zagano**

Ph.D., pesquisadora e professora adjunta de religião

na Universidade Hofstra, Nova York - Estados Unidos

Adaptação ao português e tradução de Isaque Gomes Correa



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 170 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** Pixabay

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

## A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade

Phyllis Zagano

Ph.D., pesquisadora e professora adjunta de religião na Universidade Hofstra, Nova York - Estados Unidos

Dentro da programação do Ciclo de Estudos “A Opção Francisco. A Igreja e a mudança epocal”, Phyllis Zagano apresentou, em 03-08-2023, a palestra A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade a partir do artigo de sua autoria publicado na revista **Commonweal**, 10-07-2023, e traduzido por **7Margens** em 27-07-2023. Na sequência, houve uma sessão de perguntas e respostas que permitiram à conferencista aprofundar alguns dos pontos mencionados.

**Phyllis Zagano** é pesquisadora e professora doutora de religião na Hofstra University, em Hempstead, no estado de Nova York, nomeada por Francisco para compor a Comissão de Estudo sobre o Diaconato Feminino.

Confira a seguir o texto da palestra seguido do debate. A adaptação ao português brasileiro e a tradução das respostas é de **Isaque Gomes Correa**.

\*\*\*

É uma honra e um privilégio poder estar com vocês a tantos quilômetros de distância. Temos sido abençoados e abençoadas pela nossa época, que nos permite conversar sobre a Igreja a partir de diferentes culturas e em tantas línguas que louvam o fato da Comunhão, Missão e Autoridade. A mim pediram para falar a respeito do Papa Francisco e do processo sinodal. Aqui, falarei especificamente sobre como as mulheres foram inseridas e consideradas nos vários lugares, momentos e etapas do Sínodo.

\*\*\*

No dia 20-06-2023, foi publicado pelo Vaticano o *Instrumentum Laboris* (Instrumento de trabalho) para o sínodo sobre a Sinodalidade. O cardeal Mario Grech, secretário-geral do Sínodo, descreve-o como sendo “fruto de uma experiência eclesial, de um caminho em que todos aprendemos, caminhando juntos e questionando-nos sobre o significado dessa experiência”. Este documento orientará, em outubro de 2023, o primeiro de dois encontros sinodais. O que nos é dito no *Instrumentum Laboris* e em todo o processo sinodal decorrido até agora, sobre as mulheres na Igreja e a possibilidade de ordenação de mulheres ao diaconato?

Durante a alta Idade Média, o diaconato tornou-se cada vez mais cerimonial e, no século XII, era principalmente um passo no caminho para o presbiterado.

Ao mesmo tempo, as obras caritativas da Igreja iam desaparecendo, mesmo quando eram mais precisas. Na Alta Idade Média, o diaconato passou a ser cada vez mais cerimonial. Por volta do século XII, esta ordem era principalmente um passo rumo ao sacerdócio. Coincidentemente, as obras de caridade da Igreja diminuíram, mesmo quando a necessidade delas aumentava.

Com diferentes graus de formalidade, mulheres e homens respondiam a essas necessidades, como monges, monjas, eremitas, beguinhas, terciários ou anacoretas. Durante os séculos seguintes surgiram mais algumas respostas, mas os apelos para a restauração do diaconato como vocação permanente não conseguiram apoio no Concílio de Trento. Entretanto, começou a desenvolver-se a vida religiosa apostólica (em oposição à monástica ou de clausura). Religiosos e religiosas assumiam as tarefas necessárias para proporcionar os ministérios diaconais da liturgia, da palavra e da caridade, especialmente às pessoas que se encontravam nas margens.

Hoje, muito poucos dos 1,3 bilhão de católicos do mundo sabem o que significa “sinodalidade”. No entanto, a criação de ordens e institutos de vida religiosa apostólica pode dar-nos a explicação mais clara do que é a “sinodalidade”. Como resposta às necessidades da Igreja, o fundador reunia-se com um pequeno grupo de homens ou mulheres a fim de auscultarem quais as necessidades locais dos católicos da região, tais como a educação, a catequese, as necessidades sociais, ou todas estas. Juntos rezavam, discutiam e discerniam a melhor maneira de concretizar a mensagem evangélica no seu próprio tempo e lugar.

É precisamente este o processo que, no dia 17-10-2021, o Papa Francisco convidou toda a Igreja a iniciar. Em agosto de 2022, 112 (de 114) conferências episcopais nacionais enviaram para Roma os resultados das discussões sinodais realizadas. No fim de setembro, um grupo de redação multilíngue composto por 26 membros examinou-os, juntamente com relatórios das cúrias, da USG e da UISG (organizações de superiores maiores de ordens e institutos religiosos masculinos e femininos), das associações de leigos reunidas pelo Dicastério para os Leigos e do “Sínodo Digital”, para criar o Documento para a **Etapa Continental**. Publicado em inglês, francês, italiano, português e espanhol no fim de outubro de 2022, o Documento para a **Etapa Continental** pedia as respostas das sete assembleias continentais. O *Instrumentum Laboris* sintetiza estas respostas.

O que apresenta este enorme projeto? Desde o início, tornou-se evidente que o povo de Deus encontra no clericalismo um grande obstáculo à comunhão, à missão e à participação na vida e nas obras da Igreja. Os relatórios diocesanos, regionais, nacionais e continentais mencionam o clericalismo, de uma forma ou de outra, citando frequentemente o flagelo dos abusos sexuais por parte do clero e as respostas eclesiais inadequadas a todos os níveis como motivo de desânimo geral e descrença no processo sinodal e na própria Igreja.

Outros tópicos incluem a transparência em todos os assuntos da Igreja, a formação do clero e os ministérios laicais. A inclusão de mulheres em todos os níveis de liderança da Igreja, particularmente naqueles que requerem ordenação, foi e é um ponto de discussão. Em resposta, o Documento para a **Etapa Continen-**

tal faz referência a mulheres no diaconato, mas não à ordenação delas como presbíteros.

## ETAPA CONTINENTAL: “ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA”

Intitulado “Alarga o espaço da tua tenda”, o Documento para a **Etapa Continental** foi o foco de sete assembleias sinodais continentais realizadas entre janeiro e março de 2023. Cada uma delas, convocada pelas respectivas conferências episcopais: América do Norte (USCCB e CCCB), América Latina e Caribe (CELAM), Oceânia (FCBCO), Europa (CCEE), Ásia (FABC), África e Madagascar (SECAM) e Médio Oriente (Assembleia Sinodal para o Médio Oriente) produziu uma resposta. O Documento para a **Etapa Continental** colocava questões não muito diferentes daquelas consideradas pelos fundadores de institutos e ordens religiosas nos séculos passados. Por exemplo: “Como é que este ‘caminhar juntos’, que hoje se realiza a diferentes níveis (do nível local ao universal), permite à Igreja anunciar o Evangelho segundo a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?” (Documento preparatório, n. 2). Ou seja, quais são as necessidades da Igreja hoje e como podemos juntos dar-lhes resposta?

As respostas dos continentes apresentaram abertamente questões sobre as mulheres na Igreja, muitas vezes nomeando a misoginia e o sexismo como problemas subjacentes. Com estes males em pano de fundo, eram urgentes os apelos por mulheres nas lideranças e nos ministérios. O primeiro (a misoginia e o sexismo) apresentava a necessidade do segundo (mulheres na liderança e no ministério) e explicava a resistência

contínua e óbvia. Os problemas fizeram surgir as suas próprias soluções.

A ordenação de mulheres como presbíteras não é uma dessas soluções. O secretário-geral do Sínodo, cardeal Mario Grech, disse que as questões “quentes” estariam em “segundo plano” e que outras necessidades prementes da Igreja seriam discutidas na reunião de outubro. Ordenar mulheres como presbíteras, embora tenha sido solicitado em muitos países e mencionado ou implícito nas respostas dos continentes, é claramente uma questão “posta em segundo plano”, e é considerada por muitos como doutrinariamente encerrada. Mas, dado que nunca houve um abandono formal da prática de ordenar mulheres diáconos, essa questão será abordada e talvez encontre resposta.

Dito isso, a questão das mulheres diáconos aparece apenas no Documento para a **Etapa Continental**, que parecia tomar partido no debate em curso ao mencionar – de forma um tanto ambígua – “a possibilidade de... um diaconato feminino”. Os opositores à perspectiva de ordenar mulheres diáconos afirmam que as mulheres diáconos durante os primeiros anos da Igreja não foram sacramentalmente ordenadas, mas apenas abençoadas para uma desconectada “quarta ordem” ou “um diaconato feminino”. Os defensores da restauração das mulheres ao diaconato fazem notar que as cerimônias litúrgicas eram idênticas ou quase idênticas na ordenação de homens e mulheres como diáconos.

## RESPOSTAS CLARAS

**A**s respostas das assembleias dos continentes foram claras: a questão não era sobre mulheres não or-

denadas chamadas diaconisas. Se fossem ordenadas, as mulheres diáconos, pertenceriam ao clero e, como tal, teriam acesso a papéis de maior relevo na liderança e no ministério, incluindo e, talvez de modo especial, a pregação.

É importante notar que, embora o processo sinodal seja cada vez mais controlado por clérigos – os delegados às várias reuniões continentais foram escolhidos pelos bispos diocesanos –, cada continente apresentou a questão inevitável do lugar da mulher na Igreja.

O relatório norte-americano, resultado de doze sessões virtuais para delegados dos Estados Unidos e do Canadá, 56% dos quais eram funcionários diocesanos, pedia que as mulheres “assumissem realmente funções de liderança” e propunha uma análise da “ordenação”.

Em cada uma das quatro reuniões regionais presenciais realizadas pelo CELAM para a América do Sul, que incluíram delegados do México, muitos deles apresentaram a necessidade urgente da instituição de um diaconato de mulheres, reconhecendo que esses ministérios já existem em várias comunidades. Criticaram também duramente o fato de as mulheres serem usadas como “mão de obra barata” pela Igreja.

Na sequência da reunião presencial nas ilhas Fiji, o relatório da Oceania denunciou a situação das mulheres que recebem salários precários e sofrem violência física e emocional. O relatório da Oceania incluiu, embora tentando minimizá-los, os pedidos de ordenação de mulheres, vindos especialmente da Austrália e da Nova Zelândia.

Reunidos em Praga, os delegados europeus repetiram os apelos ao “reconhecimento da dignidade e da

vocação de todos os batizados”, nomeando a ordenação de mulheres para o diaconato como uma “preocupação”. Talvez porque o seu grupo de trabalho fosse em língua inglesa, considerando o diaconato e o sacerdócio como um único assunto, as opiniões resultaram “divididas”.

A reunião da assembleia da Ásia, em Bangkok, fez eco das preocupações mundiais sobre o lugar e o estatuto das mulheres, que consideraram não estarem suficientemente incluídas, ou mesmo ser afastadas, nas tomadas de decisões. Pediram de forma direta “um repensar a participação das mulheres na vida da Igreja, dado que as mulheres desempenham um papel importante na Bíblia”.

Os delegados africanos, reunidos na Etiópia, apresentaram o seu apelo sinodal por “mais oportunidades e estruturas para as mulheres” e a promoção da “inclusão” e da “participação”. Embora apelasse ao reforço da subsidiariedade a todos os níveis da vida da Igreja, não fazia qualquer referência direta às mulheres diáconos.

Em Beirute, a assembleia do Oriente Médio apontou para a necessidade de “coragem profética” em relação à participação das mulheres: “As nossas respectivas Igrejas devem começar a refletir seriamente sobre o restabelecimento do diaconato para as mulheres”. A assembleia incluiu a Igreja Maronita, que determinou no Sínodo do Monte Líbano de 1736 que os bispos poderiam ordenar mulheres diáconos. Em 1746, os seus cânones foram aprovados *in forma specifica* pelo Papa Bento XIV.

Em resumo, as sete respostas continentais ao Do-

cumento para a Etapa Continental foram claras ao afirmar que as mulheres são maltratadas, ou mesmo ignoradas, pela “Igreja”. Todos fizeram notar que o clericalismo, em todas as suas formas, contribuiu ou de fato foi a causa direta de tantas dificuldades. No topo da lista dos antídotos está a melhoria da formação nos seminários. E, tanto direta como indiretamente, as respostas apontaram para a restauração das mulheres ao diaconato.

### “*INSTRUMENTUM LABORIS*” E REUNIÕES SINODAIS

Estas respostas ao Documento para a Etapa Continental, enviadas aos gabinetes sinodais em março e abril de 2023, resultaram no *Instrumentum Laboris* ou Documento de Trabalho publicado em 20-06-2023. Produzido por uma equipe de 22 pessoas, o *Instrumentum Laboris* é o texto-base para a primeira das duas assembleias sinodais a realizar em Roma, de 4 a 29 de outubro de 2023.

As próprias reuniões sinodais são inovadoras na medida em que, pela primeira vez, incluirão muitos leigos como membros votantes. A maioria dos membros serão bispos, representantes das dioceses e das cúrias. Além disso, as sete assembleias continentais foram convidadas a nomear vinte não bispos (padres, diáconos, religiosos não ordenados, leigos) com a condição de metade dos nomeados serem mulheres e de pessoas mais jovens serem também incluídas. Setenta dos 140 nomeados foram escolhidos como membros votantes do sínodo. Haverá também dez religiosos com votos: a União Internacional dos Superiores Gerais (UISG) feminina e a União dos

Superiores Gerais (USG) masculina enviarão cinco representantes cada. Anteriormente, o grupo de homens nomeou dez representantes votantes e, mais recentemente, dois irmãos religiosos votaram no Sínodo da Amazônia. Os membros do Sínodo reunirão na Sala Paulo VI, em Roma, durante as reuniões de outubro de 2023 e outubro de 2024.

O que mais chama a atenção no *Instrumentum Laboris* é que se assemelha mais a um roteiro para o processo do que a um documento com declarações a serem consideradas. Não muito diferente dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, o *Documento de Trabalho* traça um caminho e ensina um método de discernimento da vontade de Deus. As várias questões são o resultado da oração, discussão e discernimento que aconteceram previamente em todo o mundo. O *Instrumentum laboris* pede aos membros do Sínodo que considerem todos os documentos anteriores, especialmente o Documento para a Etapa Continental, os Documentos finais das Assembleias Continentais e o relatório do “Sínodo Digital”, como meios para “continuar o caminho já em curso”. O *Instrumentum Laboris* não dá respostas. Faz perguntas.

Uma questão que está no centro da atenção das mulheres em todo o mundo é a retomada da prática de ordenar mulheres diáconos, sobre a qual não há nenhum ensinamento do magistério. O *Instrumentum Laboris* refere: “A maioria das assembleias continentais e as sínteses de várias conferências episcopais pedem que se considere a questão da inclusão das mulheres no diaconato”. Em seguida, pergunta: “É possível considerar esta questão e como fazê-lo?”

A possível ambiguidade intencional no Documen-

to para a Etapa Continental está refletida no *Instrumentum Laboris*. O Documento para a Etapa Continental falava de “um diaconato feminino”, que pode significar mulheres ordenadas como diáconos. Ou pode significar mulheres num ministério leigo não ordenado. Devemos perguntar-nos se a frase “inclusão da mulher no diaconato” no *Instrumentum Laboris* é igualmente ambígua.

## CONCLUSÕES

O presente caminho sinodal recupera uma tradição da Igreja antiga e faz eco do modo como os cristãos se uniram em comunhão para levar a cabo a sua missão. Hoje, há uma grande diferença resultante de uma maior presença das mulheres. E uma das questões relativa à sua participação é o diaconato feminino. Terem elas sido ordenadas mulheres diáconos é um fato histórico, mas esse fato diz respeito a um momento e a um lugar particular da história cristã. A história por si só não é determinante. Se a Igreja de hoje concluir que mulheres diáconos são necessárias, isto pode ser parcialmente resolvido pelo Sínodo, sendo depois formalmente aprovado pelo Papa. Caberia às conferências episcopais solicitar mulheres diáconos, e cada bispo diocesano tomaria as suas próprias determinações sobre a concretização local.

Haverá argumentos significativos contra a ordenação de mulheres diáconos, mas dizer que as mulheres não podem ser ordenadas, apenas com acesso a um ministério quase diaconal, insulta a sua igualdade batismal. O falso argumento contra a restauração das mulheres ao diaconato ordenado que afirma que as mulheres não podem ser imagem de Cristo é a causa

implícita, se não direta, da difamação e do desrespeito pelas mulheres em todos os continentes. Como assinala o *Instrumentum laboris*, “uma Igreja sinodal deve abordar estas questões em conjunto, procurando respostas que ofereçam um maior reconhecimento da dignidade batismal da mulher e a rejeição de todas as formas de discriminação e exclusão enfrentadas pelas mulheres na Igreja e na sociedade”.

\*\*\*

### **Mulheres para o diaconato. Como assim? Ordenação diaconal?**

Para que sejam incluídas no diaconato, como estiveram durante muitos séculos, as mulheres precisariam ser ordenadas. A questão é que a confusão ocorre porque, na história, houve muitas “ordens” diferentes de mulheres na Igreja primitiva. Eram elas virgens, viúvas; havia mulheres em conventos de clausura, e dependia do século, do lugar, do país. Então, as igrejas orientais tinham mulheres casadas com diáconos e que eram chamadas diaconisas. As mulheres casadas com padres eram chamadas presbíteras ou sacerdotisas. Neste Sínodo temos falado sobre a restauração das mulheres ao diaconato ordenado, que é uma ordem sacramental na Igreja.

Eu escrevi um livro intitulado *Women Religious, Women Deacons: Questions and Answers*. Nele, respondo algumas das dúvidas relativas à questão sobre se uma religiosa, em um instituto religioso apostólico, seria ou poderia ser ordenada como diácona.

**O que efetivamente, nós leigas e teólogas, podemos fazer para que a Igreja dê a nós mulheres nosso lugar de direito na Igreja, não só como ordenação, mas nosso lugar de fala?**

Vivemos uma época extraordinária. Em muitos países e culturas as mulheres podem falar abertamente e se expressar de formas que nunca havia sido possível. Na Austrália, há o programa “Australian Women Preach”. Todo domingo uma mulher prega o Evangelho e sua pregação fica disponível na internet. Nos Estados Unidos, existe o programa “Catholic Women Preach”, e todo domingo ou dia de festa uma mulher faz uma pregação na internet. A Palavra de Deus necessita ser expressa pelas mulheres. Se uma mulher é ordenada como diácona, ela poderá continuar sua pregação na internet e nas ruas, mas estará também autorizada a pregar na Igreja. Eu gostaria muito de ouvir as mulheres. Talvez uma religiosa, talvez uma mulher casada, quem sabe uma mulher solteira. Seria ótimo ouvir a mulher que auxilia no sopão comunitário, a mulher que administra o orfanato, a mulher que atua no serviço social em nome de Cristo. Eu gostaria de ouvi-las falar do ambão nas missas de domingo.

**As posturas clericalistas colocam um impedimento para a ordenação das mulheres como um risco para clericalizar o laicato. Não seria uma fuga/medo para o acolhimento da ordenação diaconal/presbiteral?**

É uma falácia, um falso argumento. Se não preci-

samos de diáconas, então não ordenemos diáconos. No Concílio Vaticano II, a Igreja decidiu, como resultado de um longo discernimento e debate, começado no Concílio de Trento, que o diaconato como vocação permanente necessitava ser trazido de volta para servir o Povo de Deus. O que um diácono faz? O diácono é o encarregado da Palavra, da Liturgia e do Ministério. Podemos ler isto em *Lumen Gentium* n. 29. Um diácono não é um padre. O diaconato não faz parte do sacerdócio. O Papa Bento XVI deixou este assunto bem claro em 2009 com seu documento *Omnium in Mentem*. Portanto, a restauração das mulheres ao diaconato não é uma tentativa de “clericalizar” o laicato. É um movimento e uma compreensão de que em algumas culturas, em nossa Igreja, existe a necessidade de que as mulheres sejam ordenadas após terem uma formação e, para estas mulheres ordenadas, que lhes sejam dadas certas faculdades.

Na América Central e na América do Sul, ouvi que seria bem melhor se fossem ordenadas muitas daquelas mulheres que administram paróquias. Com isso, os cônjuges, o homem e a mulher que querem se casar, não precisariam aguardar seis meses até a chegada de um padre à região. Seria mais fácil que a mulher que administra a paróquia, se fosse ordenada ao diaconato, realizasse os batismos aos domingos. Ouvi de uma mulher da Amazônia que trabalha em uma paróquia que, não sendo possível ela realizar os casamentos, a noiva e o noivo buscam um ministro evangélico, para que tenham um representante oficial da igreja deles casando-os. De bispos das Américas Central e do Sul, também ouvi que eles preferem poder ordenar mulheres ao diaconato, pois assim saberiam que estas mulheres estão sob suas jurisdições, que elas estarão tra-

balhando nas dioceses diretamente para o bispo e que estes bispos, como falei acima, lhes dariam formação, ordenariam elas e lhes dariam faculdades.

Perguntei ao arcebispo de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer: “O senhor precisa de diáconas?” Ele pegou seu aparelho celular e começou a passar fotos. Eu lhe disse: “o que está me mostrando?” Ele respondeu: “Estou indo do aeroporto em São Paulo para casa. Esta é a favela que vou passar. Precisamos de pessoas para trabalhar com o Povo de Deus”. Ele tinha bem poucos padres e quase nenhum diácono. Não se trata de *status*. Não tem a ver com “eu sou do clero”. Se for, então a pessoa não deve ser ordenada. Tem a ver com a organização, a certificação e o reconhecimento do ministério ao Povo de Deus.

Na América Central e na América do Sul, mas também na África, muitos bispos me disseram que precisam de pessoas para realizar estes serviços. Como falei acima, o diácono ordenado pode receber a faculdade da pregação. O diácono ordenado que recebe a faculdade da pregação recebe esta faculdade porque ele sabe o que está dizendo. Ele sabe do que está falando porque recebeu uma formação. O que podemos fazer é esperar e orar para que o Espírito leve homens e mulheres casados, celibatários e celibatárias para que sirvam a Igreja como diáconos.

Eu penso que a Igreja precisa de mais diáconos e não mais padres porque a Igreja necessita de mais ministério. Vivo em uma pequena cidade de 35 mil habitantes. É uma região bem desenvolvida. Nela, diariamente 100 pessoas vêm se alimentar na igreja local. São pessoas com histórias bem diferentes, são mães, pais, idosos e jovens. Semana passada veio uma menina. Ela

está grávida. Seus pais a expulsaram de casa porque ela se recusou a abortar. Esta jovem não tinha nada para comer. O diácono é responsável por questões desse tipo. Em nome do bispo, o diácono é responsável por ajudar as pessoas em necessidade. Mas não é o tipo de trabalho de justiça social, como escreveu o Papa Bento XVI em sua encíclica *Deus caritas est*; é o trabalho de pessoas que se veem compelidas pelo Evangelho a ajudar as pessoas necessitadas.

O ministério leigo é extremamente importante. O ministério ordenado é muito sério e não é para qualquer um. É a maneira como nos organizamos. Se precisamos de diáconos, penso que precisamos também de diáconas. Esta foi a questão que Paulo VI fez. Após o Concílio, ele perguntou: e quanto às mulheres diáconos? A pergunta foi respondida por um padre, Cipriano Vagaggini, um brilhante estudioso da Liturgia. Ele falou em 1972: sem problema, podemos ordenar mulheres como diáconas. Porém o debate está sendo feito ainda hoje, 51 anos.

### **Como a senhora vê o papel do leigo hoje?**

O Direito Canônico afirma que os leigos, pessoas não ordenadas, têm um importante papel a desempenhar nos níveis paroquial e diocesano. A pergunta anterior questiona sobre a voz das pessoas leigas na Igreja. Mas se o bispo não reforça o direito canônico para que exista um conselho paroquial, se não houver o empenho para que exista um conselho de assuntos econômicos, ou se o pastor tem um conselho paroquial e o ignora, ou ainda se ele tem um conselho econômi-

co e também o ignora, nestes casos eu não sei o que fazer. Cabe aos leigos reunirem-se e dizer: quais são as necessidades da paróquia? É papel do conselho econômico olhar e ver como o dinheiro está sendo gasto na paróquia.

Anos atrás visitei uma paróquia e os nomes do conselho paroquial foram definidos. Tínhamos um novo pastor. A lista foi ignorada. Para ele, o Boletim Paroquial listava pessoas demais. Não precisávamos destes nomes. Perguntamos: e quanto ao conselho paroquial? Ele respondeu: “vou me reunir três, talvez quatro vezes por ano com eles. Suas reclamações se reduzem a buracos no estacionamento da paróquia”. Quando temos um pastor com essa atitude, o que fazer? Se explicamos ao bispo e este tem o mesmo comportamento, o que podemos fazer?

Voltemos à questão das mulheres. Não há nada que possamos fazer a elas na Igreja. Sim, podemos perder o emprego. Sim, podemos ouvir que somos inexperientes. Mas com as tecnologias modernas nós podemos falar publicamente e dizer aquilo que precisamos dizer sobre o Evangelho.

Portanto, sim, os leigos são extremamente importantes. Teríamos uma Igreja muito chata se todos fossem clérigos. Mas, como em outras profissões, é preciso ter especialistas. É por isso que temos os doutores: alguns são cirurgiões, alguns se especializam em cardiologia, alguns se especializam em neurologia; alguns outros em oftalmologia. E então temos os profissionais de enfermagem, os técnicos, os flebotomistas. Vemos esta especialização em medicina.

Temos na Igreja também. Há bispos, padres, diá-

conos, catequistas, leitores, acólitos. Temos um grupo maravilhoso de leigos que ajudam de fato a Igreja. A voz dos leigos importa porque é a sua voz que fala das necessidades da Igreja. O que aprendemos com o Sínodo é que a voz dos leigos está se queixando do clericalismo e, em especial, se queixando da maneira como as mulheres são tratadas. É uma violência cometida contra as mulheres o fato de elas trabalharem para a Igreja e não serem respeitadas, não serem pagas adequadamente, não terem os mesmos direitos que os homens.

**Deparamos com religiosos que trabalham nas dioceses como funcionárias e são muitas vezes humilhadas. São tratadas com desprezo, injustiçadas. Falamos e estamos preocupadas com a violência contra a mulher. Será que estes não são também um tipo de violência?**

Eu vi por mim mesma. Trabalhei na chancelaria da Arquidiocese de Nova York. Sei de mulheres que são desrespeitadas e eu mesma já sofri violência quando era jovem. Eu escrevi um livro intitulado *“Just Church: Catholic Social Teaching, Synodality and Women”*. Sua pergunta central é: quem fará alguma coisa para conter esta violência? No livro, falo sobre o ensino social católico. O que a Igreja diz sobre a forma como as organizações e as empresas devem tratar as pessoas em geral? E acrescento: por que não aplicamos tais princípios à Igreja? Por que não nos perguntemos: como a Igreja pode viver o seu próprio ensino social?

Fazemos isto com a sinodalidade. Os Sínodos, e eu me refiro aos mais recentes, dizem: as mulheres não

são tratadas com respeito no mundo. As pessoas estão começando a dizer que as mulheres na Igreja não são bem tratadas. No fim do meu texto, reflito especificamente sobre as mulheres.

A resposta que dou é: melhorar a formação inicial e continuada dos clérigos, pois muitos deles são um lixo, são pessoas que precisam amadurecer. Eles precisam entender que, sim, são especiais, que, sim, eles dedicam sua vida a Deus, mas eles precisam reconhecer que não é sobre eles e Deus, ou eles e Jesus; eles precisam entender que não são deuses. A questão é eles e nós, e que estamos todos e todas juntos na Igreja. É algo que os bispos com os quais conversei reconhecem. Certa vez um bispo canadense me falou que, quando aparece um candidato a padre com este perfil, dizendo que vai ser “especial”, ele não o aceita. Então, o pretendente vai para a diocese seguinte e o outro bispo aceita. Dependemos, portanto, de uma quase revolução na Igreja. Eu vejo o Sínodo mais como uma ressurreição do que uma revolução.

### **E os padres que não conseguem trabalhar com a vida religiosa feminina?**

Existem também muitas mulheres que não conseguem trabalhar com os homens, devemos admitir. Mas há também muitos homens que não conseguem trabalhar com elas. Vou contar algo que não está em minha biografia. Com certeza no Brasil vocês têm também, mas nos Estados Unidos existe um contingente reservista das forças armadas. Durante 31 anos eu pertenci à Reserva Marinha dos Estados Unidos. Como aluna

de pós-graduação, pude atuar como oficial da Marinha americana. Por 31 anos fui marinheira em meio período servindo de reservista. Me juntei à Marinha para entender como trabalhar com homens, para entender como a Igreja funciona. É a mesma coisa. Na Marinha existe hierarquia, estrutura, regras.

Isto não significa que a Igreja seja uma organização militar, mas o modo como as forças militares são organizadas por homens é muito semelhante à forma como a Igreja tem sido organizada por homens. Uns diziam que eu “me sentia bem porque eu pensava como homem”. A expressão certa é “teto de vidro”. Na Igreja temos um teto feito de vitrais, ou seja, quando alguém sobe muito, ele bate com a cabeça no alto.

Considero que, à medida que a sociedade cresce e as mulheres ficam mais proeminentes nas profissões, elas acabam ocupando espaços públicos e os homens vão entender melhor que elas podem ser profissionais. Temos médicas, professoras, mulheres na política. Não creio que a catedral vai desmoronar se tivermos uma mulher diácono. Porém, eu compreendo quando alguns homens não conseguem ver que as mulheres são iguais. Às vezes eu culpo as mães, que põem os filhos em pedestais. Em uma família pobre de cinco filhos, qual dos filhos ou filhas receberá formação profissional?

Portanto, precisamos reconhecer na caridade as necessidades do Povo de Deus em toda parte deste debate. Não sou propriamente feminista. Eu gosto dos homens. Penso que eles são maravilhosos. Mas às vezes entendo a expressão “cabeça dura”, que exprime o fato de que alguns deles não conseguem ouvir o que as mulheres dizem. Fazer o quê?

## Pode explicar como devemos dizer: mulheres diáconos, mulheres diaconisas, diaconas?

Depende da cultura. Em grego, a palavra é masculina. Febe é chamada *diaconos* em grego, palavra masculina para a função que ela exerce. Mas quando Febe é apresentada por São Paulo, o artigo em frente a seu nome é feminino. Portanto teríamos *uma diaconos* feminina, ou *um diaconos* masculino. Com o desenvolvimento das línguas ao longo dos séculos, quando a palavra grega *diaconisa* passou a existir, nas igrejas orientais a diaconisa não era ordenada e, em alguns lugares, era a esposa do diácono. Então, no debate acadêmico em inglês, a mulher ordenada é chamada de mulher diácono, enquanto que a mulher não ordenada é chamada de diaconisa. Basicamente é esta a questão.

Em espanhol temos “*mujeres diáconos*”. Meu livro em português [editado em Portugal] chama-se “*Mulheres diáconos*”. Para confundir ainda mais as coisas, a Igreja Ortodoxa Grega nos EUA e as igrejas católicas orientais empregam diaconisa. É a mesma questão que vemos ao longo dos séculos, se a mulher é ordenada ou não.

Mas hoje na Igreja, se elas não são ordenadas, elas não são investidas ao serviço do altar e legalmente não pregam. Elas não podem também ser juízas por si só. Um clérigo ordenado é a única pessoa que pode ser juiz singularmente diante de um tribunal eclesiástico sem a necessidade de uma segunda pessoa. Isso é extremamente importante porque o Código de Direito Canônico foi alterado pelo Papa Francisco para que uma anulação possa ser ouvida e julgada por um juiz e, em segundo lugar, porque não há uma segunda instância. Curiosa-

mente, portanto, pelo menos a maioria das pessoas que buscam anulações são mulheres. E atualmente temos um posto onde uma mulher, que pede a anulação matrimonial, deve se dirigir a um homem para ter este julgamento proferido.

Por duas vezes ouvi ao Santo Padre falar a respeito disso na história. Ele mencionou este assunto em 2016 em um encontro da União Internacional dos Superiores Gerais. Segundo ele, um especialista lhe contou que na Igreja primitiva, quando uma mulher acusava o marido de violência física, ela ia à mulher diácono, que examinaria os hematomas e daria seu testemunho ao bispo. Eu vejo aqui uma primeira anulação muito importante porque o bispo, nos primeiros séculos da Igreja, está aceitando o testemunho – é a palavra que ele usou – de uma mulher, a palavra dela.

**A Igreja é muito sacerdotal e pouco profética e pastora. Dessacerdotalizar é torná-la menos clerical, mais participativa porque o exercício do poder não estará concentrado nas mãos de sacerdotes. Dessacerdotalizar a Igreja é fazê-la radicalmente sinodal?**

Penso que sim. Acho que o autor da pergunta apresenta a questão da sinodalidade. O problema é o Cânone 129, que diz que, pela ordenação, um padre é capaz do poder de governo e de jurisdição. Para ampliar o sentido de governo e jurisdição, uma resposta são as mulheres ordenadas ao diaconato. A outra resposta já está no Código de Direito Canônico como todos aque-

les cânones que exigem que o bispo e o pastor aceitem a cooperação dos leigos, não compartilhando poder, mas cooperando. É o Cânone 129, parágrafo 2, para supervisionar como a Igreja pode prosseguir em sua missão. Nós nos esquecemos da missão. É por isso que nos documentos sinodais o modo original como as coisas eram apresentadas era a comunhão, a participação e a missão.

O *Instrumentum Laboris* altera a ordem. Este documento tem quatro partes. A primeira fala dos procedimentos. A segunda, da comunhão. A terceira, da missão. A quarta, da participação. Devemos estar em comunhão, devemos entender a nossa missão e devemos entender que todos participam. Não sei se, em português, a palavra “dessacralização” é mais forte quando ouvida por mim, que sou dos Estados Unidos. Porém concordo com o que diz o autor da pergunta, isto é, devemos trabalhar em equipe. Eis um conceito interessante: a Igreja como uma equipe esportiva. Precisamos aceitar cada um como filhos e filhas de Deus. Precisamos aceitar cada um como batizados e membros deste maravilhoso experimento humano chamado Igreja, que deve estar sempre em crescimento.

O Papa Francisco diz que a Igreja não é um museu. O Evangelho de hoje, 03-08-2023, diz que o mestre da Lei é como o pai de família que tira tudo do depósito, coisas novas e velhas. Não podemos abandonar o que temos, mas não podemos esquecer o que já tivemos. O que vemos na leitura do Evangelho de hoje é uma Igreja onde os padres irão entender que eles não são ditadores, pelo contrário, são companheiros de viagem, simplesmente tentando viver a mensagem cristã, anunciá-la a todas as pessoas de que o Evangelho é, re-



almente, a boa nova e que a nossa vida em Cristo, hoje, pode e deve ser uma vida de comunhão e missão, e na qual todos nós participamos. Espero que estas palavras façam sentido.

Fiquei muito feliz com a oportunidade de estar com vocês. Espero e confio que, em nosso diálogo hoje e no futuro, o Espírito esteja conosco. Oro por vocês e por todos que são tocados pelo Instituto, com o seu maravilhoso trabalho. Muito obrigada.

## Phyllis Zagano



**Phyllis Zagano.** Ph.D., é pesquisadora e professora adjunta de religião na Universidade Hofstra, em Hempstead, no estado de Nova York. Possui graduação pela Marymount College, Tarrytown, NY, Ph.D. pela Universidade Estadual of Nova York em Stony Brook, e três mestrados, em comunicação (Universidade de Boston), literatura (Universidade de Long Island) e teologia (St. John’s University).

Autora ou editora de 24 livros e centenas de ensaios acadêmicos e populares, participou da Pontifícia Comissão para o Estudo do Diaconato das Mulheres (2016-2018) e é considerada a principal especialista no assunto. De 1987 a 1997, lecionou na Faculdade de Comunicação, na Escola de Teologia e no Programa de Relações Internacionais da Universidade de Boston, Massachusetts, onde também dirigiu o Instituto para a Comunicação Democrática.

Zagano é copresidente fundadora do *Roman Catholic Studies Group of the American Academy of Religion*, e participante da *American Catholic Philosophical Association*, da *Society for the Study of Christian Spirituality*, da *College Theology Society* e da *Catholic Theological Society of America*. Trabalhou como pesquisadora para a Arquidiocese de Nova York.

Entre os livros recentes da professora Zagano estão: *Women Deacons: Past, Present, Future* (com Gary Macy e William T. Ditewig) (Paulist Press, 2011); *Women in Ministry: Emerging Questions on the Diaconate*

(Paulist Press, 2012); *Mysticism and the Spiritual Quest* (Paulist Press, 2013); *Ordination of Women to the Diaconate in the Eastern Churches* (Liturgical Press, 2013); *Women Deacons? Essays with Answers* (Liturgical Press, 2016); e *Women Religious, Women Deacons: Questions and Answers* (Paulist Press, 2022).

## ARTIGOS DE PHYLLIS ZAGANO PUBLICADOS PELO IHU

- [O sínodo secreto que está ocorrendo em Roma. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Discernimento sinodal e mulheres no diaconato. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Phyllis Zagano apresenta livro definitivo sobre mulheres e sinodalidade](#)
- [Mulheres diáconas? Parte I. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Mulheres diáconas? Parte II. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Roger Haight e o pensamento teológico em um mundo arredio à teologia cristã. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Há espaço na tenda? Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Tradicionalistas, reformistas e mulheres. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O Papa Francisco pode sobreviver às artimanhas dos ‘cismáticos’? Artigo de Phyllis Zagano](#)



- [A história de dois santos, um papa e uma diácona. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Relatórios sinodais de todo o mundo levantaram questões sobre clericalismo e mulheres. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Papa Francisco quer que cada católico tenha uma palavra a dizer. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Realidade virtual e o vindouro metaverso católico. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Papa Francisco e o trabalho das mulheres \(da Igreja\). Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Francisco está redesenhando a Igreja com novos ministérios leigos. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [A missa do Papa Francisco no Iraque poderia ter seguido o rito antigo. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Vozes de mulheres são necessárias para o discernimento genuíno no sínodo. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O vínculo entre os ministérios diaconais e as religiosas. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O motim católico e aqueles que o apoiam. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Aventuras no clericalismo, com McCarrick e Trump. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [As mulheres estão em uma relação tóxica com a Igreja? Artigo de Phyllis Zagano](#)



- [“Fratelli tutti” não inclui as mulheres, e tampouco a “fraternidade”. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Novos cardeais? Mais do mesmo. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Enquanto se discutem as regras de reabertura, o povo de Deus passa fome. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O fim do clericalismo. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Padres casados e diáconas: é hora de fazer o pedido formal. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Limites e fronteiras servem para “nós”, enquanto fazem todos os outros sofrer. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Diaconato feminino: exame final. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Olhe para o altar: onde estão as mulheres? Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O catecismo do cardeal Gerhard Müller. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [A questão não é o sacerdócio feminino. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [O que podemos dizer sobre o Sínodo dos Bispos? A perspectiva não é boa. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Poderemos nunca saber a verdade sobre os casos de abuso. Artigo de Phyllis Zagano](#)



- [Sobre mensagens e mensageiros. Artigo de Phyllis Zagano](#)
- [Diaconisas: e agora? Artigo de Phyllis Zagano](#)

## ENTREVISTAS COM PHYLLIS ZAGANO REALIZADAS PELO IHU

- [Metaverso e religiosidade. Limites e possibilidades de uma imanência virtual. Entrevista especial com Phyllis Zagano](#)

## NOTÍCIAS COM PHYLLIS ZAGANO PUBLICADAS PELO IHU

- [Phyllis Zagano sobre a sinodalidade e as mulheres](#)
- [Phyllis Zagano: sobre as mulheres diaconisas o Papa quer uma ampla discussão](#)
- [Papa quer mais discussão sobre as diaconas, afirma Phyllis Zagano, membro da comissão](#)
- [“Não há nenhuma doutrina contra as diaconisas”](#)



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Sues
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 "*Gloria Victis - ainda que tarde!*" Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes

 UNISINOS